


An aerial photograph of a densely packed informal settlement, likely a favela. The buildings are tightly clustered together, with roofs made of various materials, including corrugated metal, brick, and concrete. The colors of the roofs range from dark grey and black to bright orange and red. There are some green trees and plants scattered throughout the settlement. A road is visible at the top and bottom of the image, with a few cars parked or driving. The overall scene depicts a complex and crowded urban environment.

# MEIA PONTE

---

Arthur Moura Campos



Uma poesia de várzea é essa  
do Meia-Ponte: no curso  
brejeiro de um rio "menor",  
como talvez quiséssemos  
classificá-lo, ainda  
desenham-se sinuosidades  
na roda das águas cujos  
veios infiltram a terra e o  
peito. Não deixa de ser  
verdade que é como um  
percurso de sumidouros que  
se revela a caminhada de  
quem descobre o rio em suas  
entranhas e reentrâncias;  
mas, nele, encontra-se um  
coração pulsante de água,  
que ora exsuda, é enchente.  
Na página em branco, mar em  
que deságuam todos os  
traços retos, revolvem ritmos  
suarentos transpirando e  
transbordando a retidão de  
linhas fixas, porém  
transitórias: "nossas retas  
efêmeras/ seus meandros  
sagrados". Na contra-corrente  
dos mapas (que têm por  
tarefa assinar-nos um lugar  
certo e intransferível de  
acordo com as fronteiras que





# MEIA PONTE

Arthur Moura Campos

1ª edição  
São Paulo, 2017



Dedico a minha avó Mouranísia  
, que me ensina a ser Corrente,

## **Sobre esse livro, 10**

### **Olho d'água**

- Ri de mim, 15
- Fountain, 19
- AGONIA, 20
- As manhãs, 21
- NOVO ESTRELADO, 22
- MEO DIA, 23
- Uma fome sem nome, 26
- Promovo as pontes, 27
- a ponte liga pontos, 28
- Histórico, 29
- Vermelhos feito tomates, 31

### **Brejo**

- O palco do poeta, 35
- figueira, 36
- SAFÁRI, 37
- Dia adia, 38
- Bicho mais quieto, 39
- Eu, fruto de minha era, 40
- O eu, 41
- Dias entranhos, 42
- QUERO UM AMARELO, 43
- um ano passa, 44
- O quanto se pode envelhecer, 45
- herda, 46
- errante, 47
- no problem, 48
- Boi e Soja, 49



## **Fogueira**

HOMENHUNO, 55  
Combustível, 56  
manchete, 57  
Leaves, 59  
Costumes, 60  
dois mil, 61  
o passado redemoinhos, 62  
Às maquinas, 63  
pisq pisq, 65  
Percebo cores além dos carros, 66  
Sou místico, 67  
Não confio em quem, 68  
Quiroqueda, 69  
paratempo, 70  
em, 71  
DIA, 74

## **Salobro**

ponte, 79  
próxima parada, 80  
Pero Vaz, 81  
descoberta, 82  
descoberto, 83  
Foi num dia de chuva, 84  
para tempestades, 85  
CHEGO, 86  
entes, 87  
aguante, 88  
MORENO FEITO NEGRO, 89  
Vinda do caos, 90





## Sobre esse livro

Esse livro já foi eucalipto  
folhas enfileiradas lavadas  
do seu cheiro de sauna

Foi plantado um  
ao lado do outro  
num corredor  
ao lado do outro  
num pelotão  
tão alto....

Ah, já foi labirinto  
e agora está aqui  
compacto

|||||  
lá estava perdido  
|||||  
|||||  
poderia ser poste  
|||||  
|||||  
poderia ser palito

>

Já foi terra  
já foi água  
já foi tudo  
hoje é nada

Esse livro um dia já foi vivo,  
será que está morto?

Duvido.



**OLHO D'ÁGUA**





## **Ri de mim**

Nos fundos  
embaixo  
pelo meio  
esquecido

Contínuo  
morto  
vivo  
quebrado

Quem sente seu cheiro  
ao cruzar o outro lado?

É úmido  
moído  
pedras-plástico

Embrulhado  
no concreto  
asfalto

Escorregento  
enlameado

>

É preciso olhos do tempo  
para redesenhar seu nome

Ouvir  
sapo velho  
insone

Entre dois  
canos  
amassado

Pescar  
latinha  
de skol

Pra ver  
se nasce  
dourado

Descorregar a  
descargar o  
descaso

Sua voz tá miúda:  
seu chuí  
um chiado

>

Corre  
go  
lento

Corre  
amar  
rado

Onde  
onde  
onde

*... nossas retas efêmeras,  
seus meandros sagrados...*

## **Fonte**

*Água no coração  
Preso dentro*

*Aqueduto do peito  
sendo feito*

*De repente surgirão fontes  
que demorei tanto para construir*

*A água  
é amarga,*

*Talvez poção,  
talvez peçonha,*

*Mas os rios devem fluir  
pois a fonte nunca para*

*Tirando o tijolo da barragem  
e dando do que sou feito*

*De onde estou  
imerso*

## **Fountain**

Water in the heart  
held inside

Aqueducts from my breast  
I'm building up

Suddenly will emerge fountains  
that I took so long to build

The water  
is bitter,

Maybe potion,  
maybe poison,

But the rivers must flow  
because the source will never stop

Taking out the brick of the dam  
and giving what i`m made of

From where i`m  
immersed

## **AGONIA**

ouço meu peito  
não está parado  
apito espeto chocalho

ouço meu espírito  
ele chora chiado  
incha enchente galhos

luscofusco  
fortefraco

corpo roupa

ora abunda  
hora pouca

## **As manhãs**

tem gosto de hortelãs  
lavadas pelo sereno

Um quê de laranjas  
de ácidos plenos

Elas provocam  
, aguçam meus sentidos ao extremo  
, tem manhãs que começam  
quando ainda está escurecendo

recolher-se  
do frio da  
noite

no raio  
meio-diurno  
apino

sonhos secos  
varal estendido

ATÉ QUE  
O SOL CAI

molhado

SURGE  
**NOVO**  
**ESTRELADO**



## **MEO DIA**

e aqui  
piso nesse ar seco  
raspo-me nesse limpo azul  
amacio-me no suor dos poros  
sou eterno céu que me cerca  
.respiro.  
.penso.  
.paro.  
.continuo.

cá momentos são inteiros  
com seus fins meios começos.  
o prazo de se poder estar.  
.estou.

à sombra quente  
olho imensamente  
os ponteiros pedem tempo  
lentamente lento  
leito que deito  
.descanso.

descasco as idéias  
pois a paz me invade demais

>

não quero tanto sossego.  
mas sou tanto sossego.  
desassossego  
quero desquero as paragens que vejo  
paradas nesse tempo  
paradas em mim  
as coisas parecem presas.  
e eu caço e eu caça  
caço a dor que desacompanha  
aqui encontro  
plena paz  
plena paz  
plena plena paz  
plana paz  
.tortuo.

torço distorço,  
as retas tão retas  
os planos tão planos  
implantes próteses  
aqui amolecido pelo tempo  
tremulando ao vento  
tento mudar fora moldando dentro.  
profundo e denso, tenso e teso  
para enfrentar-me lá fora  
.encorajo.

>

na cara, carne que ajo,  
rubro no calor  
que me ferve e ferve o fora  
bule as pedras de gelo  
ebule os calçamentos negros  
remexe as fronteiras do cá e do lá  
tremula as divisas do eu de dentro  
do outro de fora  
roem os limites do eu do mim  
.movimento.

fluidamente transcendo  
a peneira da pele e  
escorro nas valetas  
subo nas sarjetas  
encrespo nas gretas  
infiltra nas muretas  
embaço as vidraças das saletas  
e arranho os céus  
.deslimito.

vou além  
voo além  
e nem mau  
nem bem  
.nasço.

## **Uma fome sem nome**

silenciosamente me come

Acordada  
, quer sonho,  
anseia insone

Sedada  
, quer sobrenome,  
cor na carne some

Fome infame, devora-me  
agora que me engole  
humanomônima

## **Promovo as pontes**

dos rios que não nasceram ainda  
Aonde estão?

Quero seus peixes  
e seus desafios  
iscas riscos  
desejo a gota  
na minha boca seca

Ainda atrasam  
ou eu  
me adianto  
nessa sede insana  
erguendo estradas  
entre lugares  
que não são pontas opostas  
Ainda

Quão numerosos são  
os mananciais represados  
em outros estados físicos  
indefinidas  
margens dissolvidas  
Plasmas por vir

**a ponte liga pontos**

passos ligados no ar

pedestres se passam de anjos

## **Histórico**

mais de dois mil anos acima do mar  
mil vezes  
e mil vozes  
varizes de rios na terra  
nós perdidos na selva  
entre galhos escalo  
e no cume da copa  
o horizonte desmonta uma reta

Eureka!  
e a terra é de água  
Eureka!  
e a terra é redonda

Onde estou?  
... além das mais longas rondas...  
seguí uma curva de andarilhos  
um cheiro de cânfora  
o rastro de uma folha  
amarela deitada

Mais que tudo estou na minha saga  
aquele que se sente perdido  
e na procura escapa

>

desenha um próprio mapa  
estranha sua roupa  
inventa uma fala  
se exprime  
se expreme  
se outra...

Desbanca a antiga boca  
em sua saliva gasta  
tenta saber  
seu gosto  
tento saber  
meu gosto

E corto  
E desbravo  
meus galhos  
pois quando  
piso no chão molhado  
percebo uma pegada

será a minha?  
será deixada?

rodo nesses ciclos  
nesses cios  
nessa mata



**Vermelho**  
**feito tomates**

são meus  
olhos de  
cebola



**BREJO**



**O palco do poeta é uma pauta esburacada**  
cada palavra                      uma semente plantada  
   caída

## **figueira**

A figueira da praça  
fez tanta sombra pros dias de verão...

Será que já foi pequena semente  
fruto no chão?

Hoje escorre de cima  
revolve de baixo

Seus fiapos fazem troncos  
morrerá?

Sombra na praça, descansa  
até você passa

## **SAFÁRI**

Tão simplesmente me toca  
e já outro noturno me estanco  
numa poção preta

Sob seu feitiço  
minha pele feita de tato  
colore-se, camaleoneia

Viro lobisomem  
viro centauro  
com cheiro de lua cheia

Do chiado manso  
que se estende pela sala  
sobe a manada

Desses bichos  
que me  
governam

Estiro a pele  
e ofereço a ceia

## **Dia adia**

Morrendo  
aos poucos  
su  
cu  
len  
ta  
mente



**Bicho mais quieto** Mama da terra Cresce  
sem deitar Tem umas mil orelhas e denuncia  
o vento como ninguém Ali esperando de olho  
fechado Parece que nem vive É especialista  
no tempo Não tem apego com pai nem mãe  
Veias serpentes contra o céu carregando  
seus sucos verdes Quase rezam mas têm  
preguiça dos deuses Nascem junto da chuva

**Eu, fruto de minha era,**  
vindo de anciãs fruteiras  
busco frases frescas  
em uvas passas empoeiradas pêras

Retiro limo de cascas  
descasco folhas secas  
talvez nem tão maduro  
verdemente nutra abelhas

Exausto de procurar por mim mesmo  
sento no gramado apoiando-me em uma  
árvore  
Ela não entende minha língua  
é estrangeira  
mas solidária ao meu cansaço  
permanece amparadora  
Nem o sol me entenderia  
o azul do céu tampouco  
nenhum astronauta retorna o mesmo a terra  
, se retornar,  
Constatada a minha derrota:  
“não há como me achar”  
De certo se fosse mais culto  
adiantaria algum curto-circuito  
mas prefiro a sabedoria desse tronco torto  
que solitário não se explica  
contudo envelhece e abre seus braços

**O eu**

## **Dias entranhos**

Esses que vêm  
Das estranhas

**QUE  
RO  
UM  
AMA  
RELO  
ELO**  
ENTRE  
O NOVILHO  
MILHO  
E O SABUGO  
VELHO

LONGE DE  
UM FILHO  
ESPELHO  
MAIS PRUM  
ESPINHO  
INQUIETO

QUERO GRÃO  
GERMINANDO  
NUM CHÃO FÉRTIL

**um ano passa**  
em questão  
de segundos

**O quanto se pode envelhecer em um  
segundo?**

todo pensamento  
parece um cálculo absurdo.

Desvendar enigmático,  
cada suspiro no movimento errático  
cambaleia entre o meu e o seu passo.

Compasso suspenso  
nesse contratempo infinito:  
a valsa nunca pausa, só muda de ritmo.

Ah, quem decifra essa música?  
permaneço tonto  
farejando instantes de instinto

Quanto se pode envelhecer em um  
segundo?

Quantos minutos dentro de um minuto?  
Quantos dias dura isso tudo?

*... não há o que prever  
só há o que provar...*

## **herda**

Terminalmente vivo  
Sr. Cláudio escreve  
seu testamento:

Até breve  
deixo tudo à caridade  
doe a quem doer

Os parentes condoídos  
ausentaram-se  
das festividades



## **errante**

Dias vêm dias vão  
ando entre desvios  
dou e doo desafios

Nas ganas  
nos enganos  
ganho-pãos

**no  
problem**

no  
problema

meu coração  
é um passarinho

avoadado  
pequeninho

viajando longe

TICO-TICO  
TAQUE-TICO

não é cuco,  
PTERODÁCTILO!

## **Boi e Soja**

Soja e Boi  
e o que sobra  
pra quem lavra?  
Shoyu e Muchiba  
Muchiba e Shoyu

Terra vermelha  
plantation news  
announces our  
schools will be  
closed for pig's  
nutrition use

Quem manda  
quem mama  
leite de soja  
leite de vaca  
hambúrguer de soja  
hambúrguer de vaca  
, o mundo nos come  
de boca fechada

Cerramos cerrados  
Matamos matos  
and Indian tears

>

feed our rivers,  
there's no gold down there

... our blood flowing  
straight to the sea





**FOGUEIRA**





**HOMENHUNO**  
PLURIOMO  
ANTROPOUCO  
SOCIOMUITO

## Combustível

Quanta fumaça  
nem o ar mais se enxerga  
tem de confiar no corpo  
no tato  
na pele  
várias frequências  
interferências  
o radar está constipado  
precisa de canja  
de banho quente  
de dormir depois do almoço  
parar de rodar de rodar de rodar de rodar  
devagar de vagar de vagar  
  
que o vento passa  
e a gente nem vê

## **manchete**

a chuva foi muito forte,  
mas  
não tivemos muitos danos  
morais.

## **Folhas**

*Não há onde ir*

*Não há quem*

*conhecer*

*Todo lugar flui na pele ene-*

*voadada*

*Sinta, o vento sopra*

*e duvida que exista risco*

*Não*

*Não há risco*

*Somente folhas*

*traçando trilhos*

## Leaves

Nowhere to go

No one to

know

Everywhere flows in the skin's

mist

Fell, the wind blows

and doubts that exist risk

No

No risk

Just leaves

tracing paths

## **Costumes**

Em Caminho Curto  
não há quem se abrace  
ou dê a mão

Olham no olho  
e põem-se a girar

Quem vomita primeiro  
continua andando,  
o outro para  
e arranca uma folha  
da árvore mais próxima

Os lixeiros de lá são  
naturalmente cegos e muitos  
e os cactus dominam  
sua paisagem

Novos caminho-curtanos  
não perdem mais tempo,  
tomam pílulas de enjoo imediato  
e chutam as pedras que permeiam  
a moderna mata de árvores  
plásticas

## **dois mil**

Já é dois mil  
e não piloto carro que flutua  
Já é dois mil e ainda como feijão,  
não tem daquelas pilulazinhas  
que valem como refeição inteira  
maquinazinha que vá por mim na feira

Nada. Ainda não fui a lua  
e a rua, a casa, a árvore ainda no chão.  
Quiabsurdomeudeus!  
Já é dois mil  
e não alcançamos a imaginação

**o passado redemoinhos.**

fez círculos refaz voltas giros pra trás

voam os sons dos sinos  
mesmo depois da queda das catedrais

mais se afundam as pás  
que sempre acariciaram o rio,

o que podem minhas rodas  
contra o gigante moinho?



## Às máquinas

Use automóveis,  
Crie gasolina,  
Beba álcool,  
Queime dinheiro,  
E compre, e venda, alugue,  
penhore, parcele, superfature,  
fature, lucre, falencie-se,  
quebre, especule, deduza,  
cobre, pague, cunhe,  
roube, assalte, furete,  
troque, escambe, desconte,  
promova, invista,  
explore, saqueie,  
taxe, estoque,  
revenda, exporte,  
importe, industrialize,  
manufature, terceirize,  
inflacione, mecanize,  
barganhe, pechinche,  
cambie, empreste,  
deva, loque,  
aposente,  
banque,  
patrocine,

>

escravize,  
legalize,  
estatize,  
produza,  
amortize,  
contabilize,  
pirateie,  
superávitize,  
déficitize,  
democratize,  
calcule,  
despeça.  
E no fim, viva!  
Se ainda houver vida no mercado.

## **pisq pisq**

Luzes de Natal  
vagabundas  
Duram nem a véspera

Mal sabem do Fim  
dos mundos  
Suicidam-se na pressa

## **Percebo cores além dos carros**

Nas frases vejo humores e recados

Vou por entre entes e ignorados

Medindo preços pesando fatos

Meus conhecidos esquecidos e lembrados

Lutam em mim, meu âmago é de aliados

**Sou místico até a hora do almoço**

Depois digiro

Minh' alma entre a carne e o osso

**Não confio em quem nunca se perde**

desconfio que já esteja perdido

Esse fio minha roupa destece  
mais me perco mais sinto frio

Na novela cruzo pedestres  
tecendo outro do mesmo caminho

No novelo que acaba minhas vestes  
começa o nó por qual me guio

No meu texto a bússola inerte  
tem setas moles feitas de linho

Contínua linha conecte-me  
a mim, ao outro, ao labirinto

## **Quiroqueda**

Da última vez que avancei no tempo

Caí no chão

Meus joelhos íntegros e sangrentos

Minhas mãos esfoladas de previsão

## **paratempo**

Menos dias pro meu calendário  
vou arrancar nem meia folha  
para que os segundos grampeados rendam  
que esses dias aí da parede  
não corram nas minhas mãos  
já riscadas como celas  
superlotadas  
de histórias



**em**

E calma pedi aos céus  
e carma os anjos deram  
enquanto os dias vêm pelo que vivo  
as linhas lançam o tecido  
que tinjo que lavo

milagonias andando por aí  
apressando passos  
apertando mãos  
abraços confundidos com amassos  
e cacos perdidos no chão

não piso  
, meu sangue,  
não piso.  
as palavras me invadiram  
e me deixaram  
sem o que dizer  
a mor e  
a morte  
já são substantivos

infelizmente

>

enjoado como antes do vômito  
insisto em verboerrar  
traído mentira  
louco?  
Longe disso.  
Perto, insisto.  
Perto do que?  
Da miragem

Estou perto caminhando  
rumo ao horizonte  
norte  
rumo ao longe  
que sempre ecoa nas letras  
O som chega,  
mas nunca basta.  
fonte, jamais escassa  
que pinga e chove na mesma taça  
Tempestade em caixa d'água

E desato esse rio  
vazio  
que mais grandioso rio  
que filtro à fio  
nos fonemas mascarados  
pela minha mão

>

Não!  
não são rodas nada  
é a minha voz  
calada  
meu calo que não se trata  
ardendo ditoso na garganta  
gritando  
rápidos  
restos  
soltos  
que aprendeu

Quanto dessa dor dependo?  
dar em tudo o que entendo  
um tom suspenso  
maldito suspense  
que finge que penso

Pois se pensasse...

## **DIA**

A última bebida do dia:  
duas colheres de mel  
num copo de melancolia





**SALOBRO**





## **ponte**

A 11 mil metros do mar  
não caio

,

rápido

, antes os pneus acolhem o chão

aterriço na terra

aterrorizado com a altura que supero

e não

## **próxima parada**

algo mudou  
do ou  
tro extremo  
do glo  
bo

alguém se'ngas  
gou no gri  
to do  
gol

no próximo  
voo  
sem escalas  
sem atrasos  
novas chegarão

## **Pero Vaz**

nenhum  
cobertor  
aos  
descobertos

## **descoberta**

A paisagem escrita nos meus olhos  
nem se assemelha aos fortes portos  
coqueiros tortos índios mortos gaivotas  
voantes  
quais dantes heróicos lusos mercantes  
vieram civilizar

Carrego em mim um profundo horizonte  
que se arrasta no fundo do mar  
e trisca a última nuvem do céu  
nele pode até perder-se o olhar  
mas nele nunca me perco  
é ali que sou.

## **descoberto**

Terei um fim  
e já estou a tê-lo  
esfarinho entre as roupas  
, mas como ainda permaneço?

E pessoas explodem  
enfartam  
acidentes chovem invisíveis  
riscos e ciscos grudados nos óleos  
da pele

podem girar os relógios  
Agora eu já sei!

Vou morrer

**Foi num dia de chuva** Azul de céu, cinza de escuro, úmido dia, noite de sol Fundo tempo Profundo lembrar No barro embaixo do pé a lama molha cria memória Quando criança, relebrâncias, inventâncias Há outras dez mil infâncias por trás de cada gota contra gota Pé contra poça Vento contra corpo Tormenta sem mar Mar mar mar dentro de mim Mais dentro estou e fora ondu lar

## **para tempestades**

Plantei o mar  
no meu quintal  
colhi as ondas  
na minha janela  
a bater constantes  
sempre as ouvia  
já não tenho maresias  
como marolas

**CHEGO**  
**ACONCHEGO**

Recebem-me da memória  
eu pedaço  
passo  
passotempo  
raso  
arrasado  
sou um soldado sem paraquedas

eu sou a arma projétil  
inútil  
corpo  
cai  
baque no chão  
bagaço

pasta

arquivada  
aberta  
folha  
solta tinta  
iminente  
ameaça



## **entes**

Raiz que me fez  
por trás já fui reis  
já fui serviçais

Atuantes ancestrais  
em mim atuais  
seis  
dez  
sete milênios atrás  
entre vocês eu andava  
desconhecido

Pais de pais de pais de pais  
que de países vieram  
voaram nadaram correram  
de casais em casais casuais  
minhas raízes cresceram

Fizeram filho futuro fruto  
só depois que vieram  
que a mim veio o mundo

## **aguante**

chovia  
no chão  
ventava  
em meu corpo  
tempestades  
onde estão?  
no silêncio  
do seu sopro

**MORENO FEITO NEGRO**

ESCURO

NEGRO FEITO EU

ESCURO

ESCURO FEITO PRETO

NEGRO

OBSCURO

TENEBROSO

NO FUNDO DA ALMA

NO FUNDO DA NAU

GRITO PRO FUNDO

TRÊS

DOIS

UM

PONTO

FINAL

## **Vinda do caos**

Nasci fria  
da primeira vez que meus olhos abriram  
tudo era escuro  
julgariam-me morta  
se não fosse daquelas que não morrem  
que são perenes feito pedra  
pérolas negras congeladas

Vim ao mundo muda  
uma ostra escura  
uma ave negra na neve  
que canta o próprio abismo  
desaguando seu eco negro frio  
um rio silencioso  
atingindo todo ouvido  
todo olho  
toda pele

Arrepio os povos do globo  
os poros do corpo  
as cascas do outro  
Pois nasci fria

>

E desenfreada corro  
pouso sem repouso algum  
logo que passo carrego meu manto  
cobrindo a luz enquanto ando  
entre violetas desavisadas  
girassóis amarelos

Espalho o pólen preto  
planando com o par de asas  
entre flores e edifícios  
voa meu vulto  
meu mistério disseminado  
invade o horizonte  
debaixo de minhas asas  
o céu se esconde  
Pois nasci fria e escura

Mas é dentro do meu corpo  
que ardem as fogueiras  
e entre fumaças e madeiras  
o ar se farta  
por mim fazem lustres e letreiros  
inventam cobertas e puteiros  
e se encontram  
e se embriagam

>

É por meus veios  
que os vinhos são esvaziados  
por meus dedos  
desfiam segredos  
e em mim se acasalam  
pois de mim nascem os sonhos  
de mim vêm os pesadelos  
entre os meus cabelos negros que  
dormem.

Pois nasci fria  
e quente  
Pois nasci escura  
e brilhante







**Arthur Moura Campos** nasceu em Goiânia em 1993. Desenha poemas e pinta vazios, já produziu vários livretos e pôsteres com seus textos. Estuda Arquitetura na Universidade de São Paulo e fez intercâmbio em Paisagismo na cidade de Nanquim na China. Mais nos sites:

[voztinta.blogspot.com](http://voztinta.blogspot.com)

[wordinwar.tumblr.com](http://wordinwar.tumblr.com)

[5into.tumblr.com](http://5into.tumblr.com)

[arthurmcampos@gmail.com](mailto:arthurmcampos@gmail.com)

Foto da capa **Martim Passos**  
“Sem título”  
da série Leitos

Foto na água **Letícia Santa Barbara**

Desenho gráfico **Arthur Moura Campos**

1ª edição 1ª tiragem, 250 cópias

Fonte Akzidenz-Grotesk Pro

ISBN 978-85-922864-0-8

Impressão Colorsystem





eles delimitam) o córre-go, às vezes corre lentamente quando é assim repartido entre o verbo e a abreviação geográfica que referencia Goiás, às vezes é riocorrente, fusão de fluxos intermitentes. É natural lembrar que quem pesquisa os córregos pode deparar seixos como de ameixas murchas, lama e limo; depara também veios secos e frutos sem carne, plástico, lixo. Mesmo assim, ainda que estejam secos e sujos os veios, estampa-se o desenho anti-geométrico do curto-circuito de um Rio: o abrir dos braços. Nos abraços, o dito é refeito: Para bom caminhador, meia ponte basta.

*Ivan Oliveira*



ISBN 978-85-922864-0-8



... nossas retas  
efêmeras,  
seus meandros  
sagrados...